

CONCEPÇÕES SOBRE A LÍNGUA EVIDENCIADAS NO DIZER DE PROFESSORES DE LÍNGUA MATERNA

Mirelle da Silva Monteiro Araujo (PROLING da UFPB)

mirelle_monteiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A comunicação humana e a interação no nível das ideias só é possível pela utilização da língua, sua aquisição é fundamental para as relações de interação tão necessárias na vida em sociedade. Essa “ferramenta comunicativa” até hoje vem sendo conceituada de diversas formas, existem várias concepções de língua, pois ela é abordada por diversas e distintas perspectivas teóricas, o que nos mostra o quanto essa temática é complexa. No ambiente escolar a língua também está relacionada ao ato de interagir, seja de forma oral ou escrita, mas vai, além disso, na escola ela é objeto de ensino e estudo.

Conceituar a língua é tarefa complexa e ensinar também o é; ensinar faz parte do cotidiano dos professores de língua, que acabam através de suas práticas e dizeres evidenciando concepções que circulam sobre esse objeto de ensino. A noção acerca do que é língua, cerca-se de certa forma, de modos cristalizados de dizeres que circulam na sociedade, que são construídos por meio de livros didáticos, de propostas teóricas vistas na formação inicial ou continuada dos docentes; e que são repassadas para os alunos. Até para pessoas que não são profissionais do ensino, mas por serem usuários da língua também têm uma definição para o que ela é.

Um dos dizeres que formam o *corpus* de análise deste trabalho diz o seguinte sobre a escolha do material didático para o ensino da língua portuguesa: “Fala muito de língua, tipinhos de linguagem, algo muito vazio...” o que nos mostra que o professor revela em seu dizer, concepções de língua construídas na história e na sociedade.

Tomaremos o conceito de língua, como tema de nossa análise, temos como base teórica a Teoria da Análise do Discurso (AD) francesa, que nos permite entender a língua a partir das relações entre a linguagem e o social como relação constitutiva. Desta forma estamos concebendo linguagem enquanto discurso, o discurso sendo prática que se materializa na linguagem, atentando para a natureza social, histórica e cultural da linguagem.

Neste trabalho trazemos a discussão do que a língua sob o ponto de vista do professor. O corpus de nossa pesquisa é o gênero textual estudo de caso para o ensino intitulado “Gosto quando é mais mastigadinho”. Os diálogos por nós analisados estão registrados na parte da narrativa desse exemplar de gênero que foi produzido na disciplina de Linguística Aplicada do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino na Universidade Federal da Paraíba, no primeiro semestre do ano de 2014.

Este trabalho está dividido da seguinte forma, primeiro apresentamos um breve histórico da Análise do discurso, onde expomos a concepção de discurso dessa teoria, em seguida refletimos sobre o discurso como estrutura e acontecimento na acepção de Pêcheux, e

também nas relações do discurso com a exterioridade e por fim apresentamos a análise dos dizeres dos professores sobre a língua.

1. PESQUISAR NO ÂMBITO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Tendo em vista os objetivos propostos nossa pesquisa situa-se em uma área de estudos convencionalmente denominada de Análise do Discurso (AD) de linha francesa, que propõe explicar as estruturas dos discursos responsáveis pela produção de sentido. A AD prioriza o discurso como objeto de estudo, ela parte do pressuposto que a língua não pode ser estudada desvinculada de suas condições de produção, pois os processos que a formam são sociais e históricos. Acreditamos conveniente expor o surgimento dessa concepção de língua e discurso para assim dar lastro aos conceitos adotados para a análise que realizamos.

A concepção de língua e discurso defendida pela AD surgiu na França, no final dos anos sessenta, conforme Gomes (2012) através das contribuições de Jean Dubois e Michel Pêcheux ambos, apesar da diferença na formação e no exercício profissional (Dubois era linguista e lexicólogo e Pêcheux filósofo), tinham a preocupação de considerar o discurso como objeto teórico e de análise e atuavam em um espaço comum a política e o marxismo. A AD procurou articular sujeito e ideologia o que representou uma ruptura epistemológica nos estudos da linguagem. Conforme Malidier

“Os anos 60 são os anos do estruturalismo triunfante. A linguística, promovida a ciência piloto, está no centro do dispositivo das ciências (...). O projeto da AD nasce neste contexto (...) o liame entre a expansão da linguística e a possibilidade de uma disciplina (nova) como a análise de discurso é explícita” (MALDIDIER, 1994,p.175 *apud* Brandão 2003, p.5).

Na situação política da França dos anos 1968 – 1970 momento em que vem à tona um sentimento de que o estruturalismo está em relativo esgotamento, nasce a AD, que tem em seu projeto um objetivo político utilizar “a arma científica da linguística como um novo meio para abordar a política” (MALDIDIER, 1994, p.175 *apud* BRANDÃO 2003, p.5). A AD surge como uma teoria que visa interpretar eventos políticos e para tanto ela é presidida por um triplo eixo teórico: a linguística, o marxismo e a psicanálise.

Conforme Gregolin (2004) citado por Gomes (2012) Pêcheux ao publicar o *Analytis Automatique du Discours* estreia uma disciplina transdisciplinar, que tem um referencial teórico triplo: 1) a linguística, onde ele procura dar outra dimensão ao corte saussuriano reformulando a *parole* e retomando, de Saussure, a noção de “real da língua” e sistema. Porém deslocando a análise para o âmbito da semântica atrelada a não transparência do sentido. 2) o materialismo histórico, da releitura althusseriana de Marx, que propõe a compreensão de sujeito assujeitado, acreditando que a história não é transparente para o sujeito, devido a ideologia que o assujeita. 3) a psicanálise, da releitura de Freud por Lacan, tendo a ideia da construção de um sujeito através da relação do simbólico com o inconsciente estruturado pela linguagem.

A junção dessas três áreas de conhecimentos empreendida por Pêcheux promoveu

“embates, reconstruções e retificações no campo teórico e em alguns procedimentos analíticos, a exemplo da própria noção de discurso, língua, sujeito, história e ideologia problematizando-os e ressignificando-os a fim de

que eles possam funcionar, no interior das práticas discursivas, ligados a condições de produção sócio-históricas. Dessas aproximações e deslocamentos decorre a noção de língua, como base para os processos discursivos; a noção de história (a partir da leitura althusseriana de Marx) estruturada pelas lutas de classes. A noção de sujeito pensada como assujeitado (à ideologia e às formas da língua) e interpelado pelos aparelhos ideológicos do estado. (GOMES, 2012, p.52)

O fim do estruturalismo francês em 1975 abalou a construção teórica da AD, portanto foi necessário incorporar novas leituras de Saussure, Marx e Freud, e relativizar as noções de história, sujeito e língua. O sujeito entendido como assujeitado pela ideologia no discurso, passou a admitir a existência de formas de resistir ao poder e a língua deixou de ser entendida apenas como significante material, para ser compreendida como materialidade simbólica, sujeitada a falhas, esquecimentos e equívocos.

No início da década de 1980 o projeto teórico da AD é reorientado, uma conferência realizada por Pêcheux em 1982, intitulada “*Discurso: estrutura ou acontecimento*” (hoje com versão impressa em formato de livro) questionou a sistematicidade e a historicidade do discurso, considerando-o constitutivamente heterogêneo e marcado por outras vozes, produzidas no entrecruzamento de atualização da memória. O discurso passou a ser inserido na história através de um já-dito que retoma e povoa outros discursos, fazendo os sentidos ocorrerem numa dispersão e a interpretação resultar de um jogo entre a regularidade da língua e a descontinuidade do histórico. Esse deslocamento reorientou os dispositivos metodológicos e teóricos da AD com relação ao objeto discurso, passou-se de uma compreensão de discurso estrutura, homogeneizada nas formações discursivas (FD), onde uma dada formação ideológica determinava o que pode ser dito, para uma noção de discurso heterogêneo, onde o sujeito é constituído na/pela linguagem, assumindo diferentes posições ideológicas, concordando ou refutando elas.

2. ESTRUTURA E ACONTECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO NA ANÁLISE DO DISCURSO

Pêcheux (1997) formula o discurso como acontecimento, ao analisar o enunciado *on a gagné*, dito pelo “povo”, em 1981, quando Mitterrand foi eleito presidente da França. O enunciado é analisado como um já-dito, inscrito em outras redes de formulações, ele retorna atualizado e inserido em outras redes de enunciados. O discurso como acontecimento “é uma produção de sentidos realizada por sujeitos sócio-históricos que, em um momento, constroem enunciados a partir de redes de memória” (GREGOLIN, 2005, p.26 *apud* GOMES, 2012, p.54).

A estrutura linguística é o local onde são produzidas possibilidades de deslocamento, deslizes, equívocos pelo intercruzamento do intradiscurso (estrutura) e do interdiscurso (acontecimento na história) que possibilita a produção de efeitos de sentidos. Portanto conforme Gregolin (2005) descrever as materialidades discursivas no acontecimento, nos leva a ver a circulação dos discursos em diferentes materialidades, o funcionamento das formas da linguagem e as características do gênero. Pêcheux destaca o aspecto da análise como descrição e como interpretação, mostrando que eles não são movimentos isolados, pois o discurso é estrutura e acontecimento, cujo histórico está de forma intrínseca ligado a implícitos, elipses, nas diversas formas marcadas pela materialidade discursiva. Nesse sentido Pêcheux esclarece que

[...] toda descrição [...] está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...] . Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretações. É nesse lugar que se pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 1983, p.53)

Considerando o discurso como acontecimento em práticas sócio-históricas, nos propomos a analisar como ocorrem as relações interdiscursivas nos discursos dos professores de língua materna no momento da escolha do livro didático, onde ao dialogarem eles evidenciam concepções sobre a língua portuguesa. Para tanto tomamos o texto como uma superfície discursiva e como efeito do interdiscurso, de forma que seu sentido resulta de sua inserção na história. Consideramos neste trabalho o gênero não como objeto de análise da AD, mas como uma prática discursiva com estratégias de produção de sentido, na perspectiva de Gregolin (2005) como um operador da memória social que permite as retomadas e os deslocamentos de sentidos, distribuindo papéis e instituindo lugares que podem ser ocupados por sujeitos historicamente situados. Desta forma analisaremos os discursos presentes no gênero estudo de caso para o ensino (objeto de investigação de nossa pesquisa de mestrado), recorreremos ainda à concepção de formação discursiva que abordamos no tópico a seguir.

3. A EXTERIORIDADE DO DISCURSO: FORMAÇÃO DISCURSIVA

Conforme Leandro (2012) a noção de exterioridade é definidora do funcionamento do discurso e de sua relação com o texto e a linguagem. Essa relação remete ao que Foucault (2007) trata como formação discursiva (FD), conforme o autor para descrevermos a “unidade do discurso”, é necessário buscar descrever sistemas de dispersão. Desta forma é preciso descrever um conjunto de enunciados definindo sua regularidade. Os enunciados são como um recorte de uma FD, porque revelam regras de formação. Foucault (2007) define os discursos como práticas, no sistema geral do arquivo. O arquivo entendido como o conjunto de discursos no acontecimento discursivo, que através da história, sofrem transformações, possibilitando a irrupção de outros discursos; o arquivo é quem contém a memória discursiva dos enunciados.

Conforme Courtine (1961) citado por Gomes (2012) a memória discursiva institui-se no campo do interdiscurso, o interdiscurso constitui-se no domínio de saber próprio a uma FD, estabelecendo o que deve ser dito,

“promovendo a repetição, a redefinição, ou a negação e o recalque dos elementos de saber. Neste caso o interdiscurso constitui o domínio de saber próprio de uma FD e promove o princípio da aceitabilidade do discurso ao incorporar os elementos pré-construídos, através da repetição a partir da qual os objetos de discursos adquirem uma estabilidade referencial, ou seja, a “ilusão” da transparência de sentidos. (GOMES, 2012, P.57)

O discurso funciona a partir de suas regularidades, que estão inseridas na historicidade. É nesse sentido que podemos falar de discurso do ensino, discurso jurídico, etc. A medida que procuramos entender a relação discurso e exterioridade é possível perceber que a historicidade está para entendermos o que é repetível a nível do discurso.

Procuramos estabelecer uma relação com a noção de língua, percebendo como o texto que analisamos permite conhecer a exterioridade nele representada, consideramos o discurso dos professores como acontecimento discursivo, cujo espaço material é o interdiscurso, retomando formulações anteriores (saberes de outras FD) depositada na memória coletiva

pelas leituras realizadas por esses professores em sua formação inicial ou continuada, e também pelos livros didáticos que eles utilizam para ensinar.

No discurso dos professores, ao dialogarem sobre a escolha do livro didático, eles enquanto sujeitos ao produzirem enunciados; no ato de enunciação deixam emergir, os equívocos, as rupturas, os retornos ao já-dito, em processos inconscientes.

4. O DIZER DOS PROFESSORES SOBRE A LÍNGUA.

Partindo da concepção de que é o sujeito falando que interessa a AD, trazemos os dizeres de professores de língua portuguesa de uma escola pública, acerca do que é língua. Tais dizeres se encontram na parte da narrativa do gênero textual estudo de caso para o ensino intitulado “Gosto quando é mais mastigadinho” que foi produzido na disciplina de Linguística Aplicada do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino na Universidade Federal da Paraíba. Nosso *corpus* contém enunciados produzidos pelos docentes que apontam para lugares diferentes para estabelecer a noção do que seja língua.

As falas do diálogo por nós analisado ocorrem na sala dos professores no momento de discussão sobre a escolha do livro didático de língua portuguesa a ser adotado pela escola, momento onde os professores de língua materna evidenciaram em seus dizeres concepções de língua, em anexo encontra-se a narrativa completa, abaixo três excertos de fala dos professores por nós analisados, os nomes são fictícios no próprio gênero estudo de casos para o ensino.

O primeiro dizer que analisamos é o seguinte: *“Marta parecia ponderar os prós e os contras do material para expor sua opinião:*

- Acho em partes... porque... hum... como vou dizer? Os termos são muito avançados para os alunos e o nível das propagandas, das charges, é um pouco demais, não acha?

Denilson também fez questão de intervir:

- Acho a mesma coisa, Marta. Acredito que o livro deixa a desejar no quesito qualidade dos textos. Ele, pouquíssimas vezes, busca os clássicos, pow!”

No trecho da narrativa colocado acima os professores de língua portuguesa, Denilson e Marta, conversavam sobre como o livro didático traz os exemplos para ensinar a língua. Temos uma conversa entre duas pessoas que estão (e se veem) em lugar de autoridade para falar do ensino, pois ambos são professores graduados e com experiência de prática em sala de aula. Esse lugar de autoridade do profissional o leva a tomar decisões e escolhas, como no caso acima escolher o livro didático, estas escolhas estão pautadas em construções sobre o que é o seu objeto de ensino: a língua. Essas construções adquiridas por meio da língua, (sendo portanto a língua para o professor objeto de aprendizado e ensino, de estudo e de trabalho) trazem discursos, saberes de formações discursivas que são exteriores aos sujeitos, mas que por meio da linguagem passam a constituir esses profissionais. E ao construir enunciados eles retomam através das redes de memória discursos sobre a língua.

No dizer do professor Denilson emerge a necessidade do livro didático trazer exemplos dos clássicos. Esses clássicos seriam textos literários o que é contrário à proposta do livro que está sendo discutido que traz textos “atuais”, como dito por Marta: charges e propagandas. A ênfase dada ao professor Denilson da necessidade de um livro didático para o ensino de língua materna ter exemplos clássicos nos remete a um modo de definir o que língua e por tanto como devem ser os exemplos para a ensinar. Esse dizer é constituído por uma memória discursiva que traz a tona uma base teórica da gramática normativa, que costumeiramente traz exemplos de textos literários clássicos, levando em consideração que a formação do professor Denilson é de 1996, muito provavelmente em sua formação inicial ele tenha visto essa concepção de língua, que remete ao bom escrever, ensinando a língua através de exemplos retirados de livros de bons escritores ou escritores clássicos. Essa concepção de

língua que constitui o dizer do professor Denilson é marcada por outras vozes, neste caso da abordagem teórica da gramática normativa, evidenciando que este professor não é a origem de seu dizer, mas que seu dizer traz um discurso inserido na história, que através de um já dito é retomado e passa a povoar seu discurso.

O segundo dizer trata-se de: “- *Sei não, acho que falta gramática pura... o livro enfeita demais... usa figuras demais... eu não votaria nesse livro de novo! Fala muito de língua, tipinhos de linguagem, algo muito vazio...*”

Esse dizer também do professor Denilson reforça o dizer anterior onde esse sujeito revela em seus dizeres concepções de outros lugares discursivos, não sendo o sujeito à origem do discurso. Afirmar que é muito vazio um livro “que não aborda gramática pura e fica falando de língua e tipinhos de linguagem”, evidencia que a concepção de língua desse sujeito tem uma relação direta com a gramática normativa entendendo língua como sinônimo de gramática. Ao afirmar que o livro “enfeita demais” Denilson retoma um já-dito reformulando seu sentido, o termo enfeitar traz a memória utilizar muitas imagens e, portanto diminuir a quantidade do conteúdo, tirando à seriedade da produção intelectual. No início do século XX no Brasil as produções de caráter intelectual sérias e respeitáveis, como as Gramáticas Expositivas e Histórica produzidas por Eduardo Pereira e publicadas pela Companhia Editora Nacional eram sem muitos enfeites, iam direto ao conteúdo. Denilson retoma o uso da palavra enfeitar para em seu dizer afirmar que o livro não é de boa qualidade seja por ter muitas figuras ou por falar de “tipinhos” de linguagem, o termo tipinhos no diminutivo para menosprezar a outra perspectiva de língua e elevar o ensino da gramática, o que evidencia um heterogeneidade no dizer trazendo um dizer que o sujeito aprova e outro o que ele rejeita.

E o terceiro dizer analisado: “*Gente, mas esse livro bate na questão que a gente sempre se depara: a revisão dos nossos conceitos! Nossa língua é viva, os alunos usam a língua nas mais diversas plataformas, a língua é atividade, é prática discursiva. Esse livro vem exatamente com essa intenção, formar alunos críticos... através de atividades reais e contextualizadas...*”

Este terceiro dizer proferido pelo professor Jorge evidencia uma outra formação discursiva, que se opõe a do professor Denilson, no dizer de Jorge a “língua é viva e é uma prática discursiva”, o que mostra uma dizer de outra origem, que tem como base as teorias linguísticas, principalmente o interacionismo-sócio discursivo, se relacionarmos isso com o período da formação de Jorge em 2006, período diferente do de Denilson (1996), onde outras teorias circulavam no meio acadêmico ganhando força, como as teorias da Linguística Aplicada, área em que Jorge tem especialização, e que mantêm um relacionamento com o interacionismo-sócio discursivo, podemos perceber que seu dizer remete a uma concepção de língua sócio-interativa. Podemos afirmar que dizerem de uma formação discursiva externa ao sujeito se evidenciaram no discurso do sujeito, passando a constituir o sujeito através da linguagem, o discurso de Jorge também retoma um já-dito, sendo marcado por outras vozes e se atualizando, mesmo que este já-dito não tenha a mesma FD do discurso do professor Denilson.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Circulando por esses dizeres, percebemos discursos institucionalizados sobre a noção de língua. O sujeito do discurso se inscreve na enunciação discursiva, pelo modo como ele diz o que diz, vemos que o sujeito do discurso, professor, fala do objeto língua como um produto marcado pelas teorias que foram se construindo ao longo da história, sobre este objeto e que esses professores retomam esses já-ditos que passam a povoar seus discursos. Ficou evidenciado para nós pelo menos duas formas de conceber a língua uma oriunda da gramática normativa e outra de teorias linguísticas mais recentes. Na sinuosidade da fala desses sujeitos,

o discurso revelou relações desse sujeito com a linguagem, mostrando como os discursos constituem seus dizeres.

Esses sujeitos do discurso, na posição em que se colocam na interlocução, como professores, apresentam dizeres sobre o que é língua ao falarem sobre a escolha do livro didático, esses dizeres revelam discursos anteriores/históricos aos sujeitos: a perspectiva de abordagem da língua pela gramática normativa, que vê a língua como sistema, e a análise em exemplos fechados e retirados de livros clássicos e a perspectiva de ensino de língua sócio-interativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, H. N. Análise do Discurso: Um itinerário Histórico. In: PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (orgs.) *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

LEANDRO, M. L. S. No dizer do aluno o discurso sobre o objeto texto: “texto? ... como assim? ... é alguma coisa ...” In: LEANDRO, M.L.S.; ARANHA, S.D.G.; PEREIRA. T. M. A. (orgs.) *Os sentidos (des) velados pela linguagem*. João Pessoa: Ideia, 2012.

GOMES, E. M. F. A construção do humor e a representação do feminino na mídia impressa. In: LEANDRO, M.L.S.; ARANHA, S.D.G.; PEREIRA. T.M.A. (orgs.) *Os sentidos (des) velados pela linguagem*. João Pessoa: Ideia, 2012.

FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Tradução Luiz F. B. Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969]/2007.

PÊCHEUX, M. O discurso estrutura ou acontecimento? 2º Ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do discurso na França. In: ORLANDI. E.P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, E.P. Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

BRANDÃO, H. H. N. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, H. B. C.; ATIK, M. Luiza G. (orgs.) *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

LARA, N. O conceito de língua: um contraponto entre a gramática normativa e a linguística. *Revista Urutágua, Paraná*, Nº 13, p. 2-9, nov. 2007.

MALDIDIER. D. Elementos para uma história da Análise do discurso na França. In: ORLANDI, E.P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

POSSENTI, S. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ANEXOS

Narrativa do estudo de caso para o ensino “Gosto quando é mais mastigadinho”

Atualmente, a escola adota o livro organizado por Maria Luiza Abaurre, intitulado *Português: contexto, interlocução e ensino*, produzido em 2011 em São Paulo, pela editora Moderna. São três volumes, um para cada série do Ensino Médio, divididos em Literatura, Gramática e Produção de Textos (para entender melhor como a língua é trabalhada nesse livro, ver Anexos contendo sua apresentação e uma proposta de atividade presentes no manual).

A gestora da escola indagou os professores de LP sobre o livro que estavam usando durante os três últimos anos. Ana Lúcia não se pronunciou nem mostrou interesse pelo tema. Denilson Silva movimentou discretamente a cabeça em sinal de reprovação, mas também não se posicionou efetivamente com palavras. Diante desse silêncio, a diretora Mércia falou:

– Gente... oi, olhem, e aí? O que vocês acham do livro que vocês usam aqui na escola? Eu, particularmente, gosto desse livro... é esse aqui (apontando para o segundo volume do livro), ó, o verdinho, mas também tem o vermelho e o azulzinho, né, Jorge?

– Sim, Marta, exatamente! – Falou Jorge, mostrando o terceiro volume. É um livro maravilhoso, muito contextualizado e inovador na visão que as autoras têm de língua e gramática. Então... pra mim... é excelente!

- Mas os alunos gostam? Eles... – Questionou Mércia.

Denilson parecia ter a resposta na ponta da língua:

- Não, eles não gostam muito não!

- Por que não? – Retrucou a diretora.

- Sei lá... eles acham difícil a forma como ele aborda alguns assuntos... os textos... – Tentava explicar o professor, quando Marta partiu em seu auxílio:

- E, além disso, Mércia, tenho que admitir... há uma dificuldade também minha em entender algumas propostas, são termos que desconheço e textos muito modernos... (o que você quis dizer com textos muito modernos, seja mais claro)

- E você, Ana Lúcia?

- Ah, Mércia, pra mim... pra mim... é bom. Mas gosto quando é mais mastigadinho... Quando dá para trabalhar com ele, trabalho. Quando sinto que não dá certo, volto para algumas cópias que tenho do livro de Cereja... que aí sim, sinto mais firmeza!

Logo após essa fala da professora Ana Lúcia, a gestora da escola encerrou as discussões e pediu para que, no prazo previsto, o livro fosse escolhido e que as incongruências de opiniões tenham sido sanadas. A partir disso, iniciaram-se alguns debates entre os docentes, partindo, na maioria das vezes do professor Jorge Luís. Em certo momento, houve uma discussão sobre a proposta de Abaurre (coautora do livro usado na escola) para o trabalho com o seu material.

- Marta, eu acho tão interessante a forma como Abaurre trabalha com os textos. – Falou Jorge Luís.

Marta parecia ponderar os prós e os contras do material para expor sua opinião:

- Acho em partes... porque... hum... como vou dizer? Os termos são muito avançados para os alunos e o nível das propagandas, das charges, é um pouco demais, não acha?

Denilson também fez questão de intervir:

- Acho a mesma coisa, Marta. Acredito que o livro deixa a desejar no quesito qualidade dos textos. Ele, pouquíssimas vezes, busca os clássicos, *pow!*

- Mas acredito que o livro é bem diversificado, trabalha muito com uma... multiplicidade dos gêneros... dependendo do assunto e da série, a complexidade das questões vai evoluindo... – Tentava defender Jorge Luís, enquanto Denilson seguia no seu ataque ao livro, sem parecer muito convencido pelos argumentos do colega.

- Sei não, acho que falta gramática pura... o livro enfeita demais... usa figuras demais... eu não votaria nesse livro de novo! Fala muito de língua, tipinhos de linguagem, algo muito vazio...

- Eu participei da escolha do livro há três anos e achava que era bom, mas nem uso muito... copio mais no quadro, ele não tem muita coisa não... – completou Ana Lúcia, que parecia concordar com Denilson sobre a falta de conteúdo do material.

Foi quando a professora Marta levantou a questão da abordagem didática do livro, com ênfase nos gêneros textuais, emitindo sua opinião:

- Então... eu prefiro ver outros livros que tenham algo mais concreto, mais didático, essa história de gêneros textuais, eu não creio que complete as necessidades! Na minha época não tinha isso e eu hoje sou professora de português. Não vejo essa necessidade toda não! O livro bate muito nesse ponto pelo que pude observar na sala...

Após essa enxurrada de opiniões contrárias ao livro que tentava defender, Jorge lançou mão de seus melhores argumentos, com o objetivo de gerar uma reflexão por parte de seus colegas:

- Gente, mas esse livro bate na questão que a gente sempre se depara: a revisão dos nossos conceitos! Nossa língua é viva, os alunos usam a língua nas mais diversas plataformas, a língua é atividade, é prática discursiva. Esse livro vem exatamente com essa intenção, formar alunos críticos... através de atividades reais e contextualizadas...

- É... Jorge, mas... isso é muito complicado... dá muito trabalho... – Retrucou prontamente Ana Lúcia, acompanhada por um sonoro “Concordo!” emitido a uma só voz por Denilson e Marta, num coro harmônico de professores, que parecia ter como único elemento dissonante a voz de Jorge Luís, incansável em sua argumentação a favor daquele livro didático.